

ENSINAR GEOGRAFIA

ROSA FERNANDA MOREIRA DA SILVA¹

É realmente honroso vermo-nos convidados para participar nesta publicação de homenagem a Suzanne Daveau. Foi-nos solicitado que centrássemos esta nossa breve intervenção na temática «Ensinar Geografia». A elaboração deste texto foi, para nós, um desafio e, simultaneamente, um prazer indizível.

Para levar por diante a execução deste plano, socorremo-nos, em primeiro lugar, do seu rico e extenso *Curriculum*, que se reveste, naturalmente, de primordial importância; utilizámos também tudo o que a convivência da Professora Doutora Suzanne Daveau com os geógrafos da Faculdade de Letras do Porto nos ensinou sobre ela e, finalmente, pudémos contar com o conhecimento mais pessoal que a Amizade de longos anos foi instituindo entre nós e que facilitou em muito uma conversa que nos propiciou alguns dados sobre a sua carreira universitária.

Na estrutura deste texto, resolvemos começar por uma brevíssima introdução de base conceitual, sem contudo pretendermos entrar numa apreciação teórica do tema, e passar de imediato à reflexão da actividade científico-pedagógica da Professora Doutora Suzanne Daveau.

NOTAS SOBRE GEOGRAFIA E ENSINO

Quando pensamos em apreciações no âmbito do Ensino, devemos fazê-las comparando com padrões de aferimento. Não podemos aceitar a análise de estruturas, de técnicas e mesmo de tipos de metodologia de ensino sem relembrar, de forma sucinta, alguns dos princípios do Ensino Universitário e objectivos a atingir no ensino da Geografia.

De acordo com a Magna Carta das Universidades Europeias, é afirmado que «... nas Universidades a actividade didáctica é indissociável da investigação, a fim de que o próprio ensino possa acompanhar a evolução das necessidades e as exigências da sociedade e dos conhecimentos científicos.

Sendo a liberdade de investigação, de ensino e de formação um princípio fundamental da vida das Universidades, os poderes públicos e as mesmas Universidades, cada um no seu domínio de competência, devem garantir e promover o respeito dessa exigência fundamental.

¹ Professora Catedrática do Curso de Geografia. Instituto de Geografia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Na recusa da intolerância e no diálogo permanente, a Universidade é um local de encontro privilegiado entre os professores, capazes de transmitir o saber e os meios de o desenvolver através da investigação e da inovação, e os estudantes de com isso se enriquecerem.» (Bolonha, 1989)

No âmbito da Geografia pode, desde já, afirmar-se que só há uma verdadeira educação geográfica, quando o ensino da Geografia não se limita a atingir fins educativos gerais sem alcançar os objectivos específicos que lhe estão inerentes.

Assim, todo o docente de Geografia deve criar nos alunos a capacidade de identificar e analisar, a diferentes escalas, as alterações que as diversas sociedades humanas estabelecerem com os seus territórios, quer na utilização do espaço, quer no aproveitamento dos recursos naturais, quer na valorização dos resultados de tipo económico, social, político e ambiental destas mesmas mudanças.

Salientamos que mais dois objectivos devem ser atingidos, um do tipo instrumental, com o recurso aos diferentes tipos de informação, entre os quais a cartografia, e o outro actitudinal ou seja a valorização do meio.

Todo o docente deverá apoiar a sua docência em fundamentos reais e relacionados com a sua investigação.

SUZANNE DAVEAU E O ENSINO DA GEOGRAFIA

O primeiro traço que se evidencia na sua carreira científica é a precocidade e a diversidade da sua formação científico-pedagógica. Para especificar esta nossa afirmação, recorreremos à leitura do seu *curriculum* e tomámos em consideração os aspectos pedagógicos que, de forma sequencial, assumiram lugar de real destaque na sua carreira como docente.

Assim, em 1949/50, a jovem geógrafa inicia a sua carreira ligada ao ensino secundário, ao ser nomeada professora do Liceu da pequena cidade de Gap, situada na maravilhosa paisagem dos Alpes.

Recorde-se que a educação não pode ser um processo indiferente aos valores, muito menos em relação àqueles que a caracterizam e identificam cultural e socialmente. A educação tem de ser instrumento da permanente obra de construção da personalidade e do progresso social em liberdade responsável. Tem ainda de ser formação integral e realização pessoal, fundamentalmente humana. Ela deve desenvolver as capacidades de concepção e inovação, na busca de uma interpretação crítica do mundo, só possível através do diálogo entre a escola e a realidade natural e sócio-cultural da região onde se integra.

Perante esta estrutura globalizante da educação, questionamo-nos sobre a forma como reagiu a jovem geógrafa às realidades da sua comunidade escolar.

Relativamente a este assunto decidimos associar aos aspectos pedagógicos do seu *curriculum* algumas – e inéditas – informações recolhidas ao longo do diálogo com a Professora Doutora Suzanne Daveau.

Assim, falou-nos da sua experiência como professora do Liceu de Gap, das dificuldades de um ensino da Geografia para um elevado número de alunos e de turmas, o que a fez decidir-se pelo recurso a métodos de ensino não autoritários, ou seja, deu a prioridade das prioridades à prática de um ensino activo, onde a motivação era a preocupação constante da sua estrutura didáctica. Tratava-se já então de uma faceta marcante da sua personalidade como professora: a consciência das exigências pedagógicas.

Em 1950, surge novo marco na sua actividade docente, quando inicia uma carreira universitária, assumindo o cargo de Assistente no jovem curso de Geografia da Universidade de Besançon e, logicamente, novas responsabilidades passam a dominar o seu espírito de geógrafa.

Defende Tese de Doutoramento na primavera de 1957. Nesse mesmo ano, é convidada a exercer o cargo de Professora Extraordinária da Universidade de Dakar (Senegal). Para apreendermos a sua real resposta à nova vivência universitária, recorreremos aos seus testemunhos orais. Afirmou-nos a autora que ocupou um lugar disponível no quadro docente da jovem Universidade de Dakar. Iniciava assim a sua experiência por África, com o simpático acolhimento de Paul Pélissier e a vontade de criar um jovem núcleo universitário. Foram estes os fortes incentivos para a aceitação desse convite.

Na sua memória está presente, com ternura, o clima maravilhoso de Dakar, o núcleo de docentes muito jovens, mas dinâmicos e conscientes das suas funções e os alunos, pouco numerosos, mas simpáticos e interessados.

Enquanto os seus dois colegas geógrafos se ocupavam essencialmente do ensino de temáticas na área da Geografia Humana, sem exclusividade, Suzanne Daveau assumiu o ensino da Geografia Física, procurando, obviamente, orientar as suas investigações nesse sector, pois sentia a necessidade de «africanizar» o seu ensino, o que implicou muito trabalho de campo e recurso à reduzida bibliografia específica.

Falou-nos do interesse das saídas de campo com os alunos. Assim, num espírito de expedição, conseguiu descobrir todo o Senegal e áreas da Guiné e da Mauritânia. Suzanne Daveau dedicou todo o tempo possível, ou seja, férias de Natal, Páscoa e fim de ano, para a sua investigação em terras africanas.

Este riquíssimo testemunho oral evidencia que, desde cedo, as qualidades de comunicação e de trabalho foram uma realidade da sua postura como docente/investigadora, o que muito contribuiu na sua carreira para a reunião de colegas e discípulos. A relação docente/aluno foi e continua a ser uma realidade no seu ensino. De realçar o seu interesse em associar à teoria o estudo das realidades concretas desses territórios. Ensinar a «OBSERVAR» foi sempre uma das suas preocupações como geógrafa.

Se alargarmos este nosso raciocínio à sua realidade como docente/investigadora nas Universidades portuguesas, pode afirmar-se que continua a preocupar-se com o incremento do espírito de equipa e da responsabilidade de grupo. Recorde-se que, sem uma aplicação responsável de todos, nunca poderá haver a co-

-responsabilização mútua, o rigor científico, a pontualidade e a participação sincera de todos os intervenientes.

Abordando, seguidamente, a perspectiva das técnicas de ensino, quer a nível teórico quer prático, constata-se a sua constante preocupação na seleção e uso das técnicas que, directa ou indirectamente, apoiassem o trabalho de equipa e a leitura do real, despertando desse modo o jovem para o diálogo intelectual e a sensibilidade geográfica.

Neste contexto, pode dizer-se que sempre pôs em prática o princípio de que a liberdade de investigação, de ensino e de formação era uma das suas metas.

Porém, o ano de 1970 passa a representar o início de um novo patamar na sua carreira universitária. Nesse ano, é contratada como Professora Catedrática Convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No período de 1970 a 1995, repartiu a sua docência pelas disciplinas dos planos de estudo da Licenciatura e Mestrados. É, contudo, na orientação de Teses de Doutoramento da maioria dos doutores repartidos pelos vários núcleos de geógrafos portugueses que a sua participação assumiu real destaque. É evidente que o núcleo de Lisboa se individualiza, mas esse era e é o seu Centro de investigação.

As suas qualidades de trabalho e de comunicação logo levaram à reunião de discípulos e de colegas, demonstrando, simultaneamente, uma constante disponibilidade para apoiar o jovem investigador. Caberá acrescentar que essa disponibilidade se estendia a qualquer investigador nacional ou estrangeiro.

Neste contexto, e tendo por base a nossa experiência pessoal, passamos a apresentar alguns dos efeitos das suas iniciativas. Uns relacionam-se com o seu apoio científico ao grupo de geógrafos do Curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (desde 1972). Outros ligam-se à regência teórica da disciplina de Geografia Regional, no ano lectivo 1977/78, no jovem curso de Geografia do Porto.

No âmbito desta nossa temática, debruçar-nos-emos na experiência do ensino de Geografia Regional. Nesta disciplina, os alunos receberam uma iniciação apoiada por terminologia rigorosa, assim como um constante estímulo à reflexão. As suas aulas foram modelos de competência e de uma invulgar capacidade de comunicação. Os alunos classificavam as suas aulas de atraentes e de altíssimo nível, de tal forma que aos 47 alunos do curso se associavam alunos do 4º ano e do curso de História. No final da aula, com a simplicidade que lhe é peculiar, atendia os alunos que se lhe dirigiam e logo a conversa assumia um rumo altamente proveitoso e de interesse incalculável.

O nível atingido por estas aulas teóricas levam-me a recordar Orlando Ribeiro quando diz: «Não se pode fazer Geografia Regional sem o mais fino sentido de cambiantes subtis que só um estilo exacto mas vibrante e comunicativo é capaz de captar e transmitir».

O diagnóstico apresentado exige um rico e diversificado suporte científico, de que é prova a obra publicada de Suzanne Daveau. No leque de temas tratados começamos por evidenciar a temática rural. Esta surge em numerosos estudos, desde o norte de África às regiões fronteiriças do Jura francês, a territórios de S. Tomé e outros espaços.

No âmbito desses trabalhos a autora evidencia grandes preferências, das quais destacamos as seguintes:

- as transformações dos modelos agrícolas tradicionais;
- as montanhas e algumas regiões de planalto, pelos seus indicadores de índole cultural, administrativo e político, contribuíram para reforçar o interesse da autora, não ignorando que estes espaços encerram o atractivo do complexo e do diverso, explicado numa perspectiva dupla e convergente: desde o potencial ecológico de um meio frágil à capacidade de adaptação do homem, através de distintos sistemas de gestão de Recursos Naturais.

Outros temas a realçar:

- a dinâmica da paisagem, tentando sempre superar a dualidade meio físico – acção antrópica apoiando-se basicamente numa metodologia de Base Integrada.

- a Dialéctica Desenvolvimento-Subdesenvolvimento regional, com propostas dirigidas ao ordenamento do território, sem nunca ignorar o valor da Geografia Aplicada.

- o arranque da Climatologia dinâmica a que se ligou a Teledeteccção. As novas perspectivas que a metodologia passa a oferecer foram fundamentais no desabrochar da Climatologia entre os geógrafos portugueses.

A esta formação científica associou-se a longa e diversificada carreira ligada ao Ensino. A leitura do seu *Curriculum* revela-nos essa riquíssima experiência, não só no respeitante à docência em diferentes graus do ensino, mas também à sua exemplar intervenção na área de coordenação de Projectos de Investigação.

Como Professora Catedrática convidada da Faculdade de Letras de Lisboa e docente/investigadora do Centro de Estudos Geográficos, exerceu cargos de Direcção de Linhas de Investigação no Centro de Estudos e teve perfil de singular interesse na orientação de Teses de Doutoramento.

Neste momento continua a colaborar como investigadora do Centro de Estudos Geográficos, no quadro do Projecto de Investigação de Geografia Regional e História de Portugal, como também na área de Investigação da Geo-Ecologia.

EM SÍNTESE

A Professora Doutora Suzanne Daveau incutiu à sua actividade científico-pedagógica um cariz muito rico e peculiar. As suas aulas, quer teóricas quer de campo, eram um modelo de precisão científica. O seu estilo de comunicação oral

e/ou escrita surge como um todo uniforme e coerente. Mas este poder comunicativo é certamente o resultado da sua longa investigação científica, que desenvolveu a par da sua formação didáctica de carreira.

Porto, 29 de Junho de 1997